

DO INSTITUTO DOS CEGOS AO INGRESSO NO CURSO DE
LICENCIATURA EM MÚSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE:
um estudo de caso

17

Marisa Nóbrega Rodrigues

Universidade Federal de Campina Grande
marisanbr@gmail.com

Aluska Danyelle Souto de Souza

Universidade Federal de Campina Grande
aluskadanyelle@yahoo.com.br

Patrícia Belisário Souza Albuquerque

Universidade Federal de Campina Grande
patriciabelisario@gmail.com

RESUMO

O curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) recebeu o primeiro aluno cego em 2018.2, fruto de um longo processo de educação musical inclusiva. Este caso gerou interesse em um grupo de discentes da disciplina Educação Musical Especial, em averiguar como se deu o processo de ensino-aprendizagem musical ocorrido anteriormente, no Instituto dos Cegos de Campina Grande (ICCG). Sendo assim, esta pesquisa tem como objetivo entender de que forma as contribuições da professora de música do ICCG influenciaram na formação musical deste aluno. E, ainda, pretende refletir sobre as ações que a UFCG realizou para adequar-se às necessidades do aluno cego. Como opção metodológica, buscamos dialogar com autores da área (LOURO, 2003, 2012, 2015), entre outros, a fim de potencializar a discussão em torno da Educação Musical Inclusiva. Em seguida, realizamos entrevista semiestruturada (PENNA, 2015), com a referida professora, no intuito de coletar dados e, posteriormente, entrecruzá-los com os autores estudados. Como resultado, observamos que as adaptações das atividades musicais realizadas pela docente, durante o processo de musicalização do aluno supracitado, foram fundamentais para a apropriação da linguagem musical. Acreditamos que este trabalho pode interessar aos que se dedicam ao ensino de música para pessoas com deficiência visual e, também, àqueles que discutem em torno da temática.

Palavras chave: Educação Musical Inclusiva. Deficiência visual. Musicalização.

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, é crescente o número de pesquisas que têm como objeto de estudo a inclusão de pessoas com deficiência em diversos âmbitos da sociedade. No que se refere ao ensino de música, educadores musicais vêm desenvolvendo, ao longo dos últimos anos, estratégias de aprendizagem e elaboração de materiais adaptados (SCHAMBECK, 2016).

O ingresso de alunos com necessidades educacionais especiais (NEE) no ensino superior, em especial aqueles com deficiência visual, é um processo que exige adaptação do corpo docente às demandas do aluno, entre outras questões relativas à acessibilidade e inclusão, pois “[...]a pessoa com deficiência tem direito à convivência não segregada e ao acesso imediato e contínuo aos direitos disponíveis aos demais cidadãos (LOURO, 2012, p. 27).

Para ingressar no curso superior de música, em algumas universidades, é necessário realizar um teste de habilidade específica, o qual requer conhecimentos prévios sobre notação musical e harmonia.

Tendo em vista esta exigência, percebemos a necessidade de analisar como aconteceu o processo de musicalização no ICCG, que acolheu o aluno Jorge¹, com deficiência visual, levando-o a ingressar no curso de Licenciatura em Música da UFCG.

Sendo assim, este trabalho visa entender como se deu o processo de educação musical inclusiva, promovido pela professora Lívia Pontes, com o aluno Jorge, no ICCG. Pretende-se, também, evidenciar as ações empreendidas pela universidade para adequar-se às necessidades do aluno. Para tanto, o arcabouço teórico que fundamentou esta pesquisa, baseia-se em educadores musicais como LOURO (2003, 2012, 2015) e SCHAMBECK (2016), os quais acreditam que a pessoa com deficiência pode desenvolver suas habilidades musicais por meio de adequações e adaptações das atividades musicais. Para coletar dados realizamos entrevista semiestruturada (PENNA, 2015), com a professora de música do ICCG para, posteriormente, relacioná-los com os autores estudados.

¹ Para preservar a identidade, o aluno teve seu nome alterado.

Destacamos, ainda, as contribuições e o engajamento do corpo docente do curso de Licenciatura em Música que, em consonância com o aluno Jorge, sua família, o Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI) e o Grupo de Apoio a Estudantes com Deficiência Visual (GRAESDV), vinculados à UFCG, realizaram várias ações, como veremos adiante, para a efetiva inclusão de Jorge, no processo de admissão no curso de Licenciatura em Música da UFCG.

2 INSTITUTO DOS CEGOS DE CAMPINA GRANDE (ICCG) E O ENSINO DE MÚSICA

O ICCG, fundado em 1952, por José da Mata Bonfim, teve a atual sede inaugurada no ano de 1971. Após algumas dificuldades enfrentadas, o ICCG fechou por um período de seis anos, sendo reinaugurado em 2000 pelo pedagogo Jonhon Queiroz de Oliveira (SOUTO, 2008), que exerce a presidência nos dias atuais. Com o objetivo de promover uma educação inclusiva o ICCG recebe crianças, jovens e adultos com deficiência visual ou com baixa visão.

Esta Instituição possui uma sala específica, onde são ministradas as aulas de música, para todas as turmas, uma vez por semana e, ainda, dispõe de um estúdio de gravação que promove, anualmente, o registro e distribuição de produções musicais realizadas pelos alunos, com músicas autorais e de outros compositores. Vale ressaltar que a maioria dos instrumentos disponíveis foram doados pela comunidade local, através de campanhas promovidas pelo Instituto.

O ensino de música no ICCG teve início com o trabalho voluntário da professora Lívia Pontes, graduada em Letras e bacharel em Música pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com várias especializações na área de arte/música. O interesse da referida professora pela educação inclusiva, teve início quando ministrou aulas no curso de extensão em violão, na UFCG. Nesta ocasião, o interesse demonstrado pelo aluno cego, R., em ter aulas de música, tornou necessária a realização de algumas adaptações pela professora, em sua metodologia de ensino. Sua fala, registrada durante a entrevista, ilustra esse fato: “A primeira atitude foi adaptar a partitura para ele [...] explicando as noções de altura e

ritmo através das figuras em alto relevo. Porém, o repertório era ensinado de ouvido, eu tocava cada parte e ele repetia, até decorar” (PONTES, 2018).

A facilidade que os cegos têm em aprender ritmos e melodias, conta-nos Livia, possibilitou a realização de diversas atividades musicais com o uso da voz e de instrumentos, que muitos aprenderam a tocar em ambientes informais de educação, estimulando a formação de duos, e diversos grupos musicais.

Alguns anos mais tarde, a professora Livia teve acesso à musicografia Braille através da biblioteca do ICCG, possuidora da obra *Introdução à Musicografia Braille* (TOMÉ, 2003), levando-a a se interessar em aprender sobre este assunto.

A princípio, não era intenção introduzir, nas aulas de música no ICCG, o ensino de teoria musical, conta-nos Livia, pois o intuito seria avançar no aprendizado do repertório para flauta doce, por intermédio da escuta e repetição. Somente, após a formação da primeira turma infantil em 2005, quando os alunos já estavam alfabetizados em Braille e já tocavam flauta doce, foi que teve início o ensino da musicografia Braille no ICCG. Vale destacar que as partituras em Braille foram escritas pela própria professora.

2.1 O aluno Jorge

Desde muito pequeno, o aluno Jorge gostava de brincar com um teclado que recebera do seu pai, gerando nele um grande interesse pela música. Ao ingressar no ICCG, com seis anos de idade, teve início às aulas de flauta doce com a professora Livia Pontes.

Inicialmente, as aulas eram ministradas para a formação de um quarteto de flautas, com a participação efetiva de Jorge e três alunos da instituição. A professora Livia, ensinou primeiramente, as posições das notas na flauta e, posteriormente, a prática musical através da imitação e repetição, assim como nos disse. Considerando que muitos cegos possuem um ouvido apurado devido à deficiência visual, o trabalho com percepção foi a porta de entrada para o aprendizado das músicas durante as aulas.

Do quarteto de flautas, o aluno Jorge foi o que mais se interessou pela música, vindo a aprender vários outros instrumentos como: teclado, sanfona, violino, clarinete, piano.

A identificação do aluno Jorge com música levou o quadro docente da instituição a iniciar o trabalho de alfabetização com palavras relacionadas à música, o que facilitou o diálogo. A primeira palavra que ele escreveu foi “piano” e a que leu foi o nome da professora de música. Este fato demonstra o quanto a música é significativa na vida de Jorge desde criança. Sendo assim, a professora buscou dar aulas de história da música ocidental, fazendo a leitura de textos em torno de compositores de diferentes épocas alimentando, assim, a vivência musical do aluno a partir de obras eruditas. Vale sublinhar que o acesso a essas obras, ocorria por meio da escuta de CDs, mídia utilizada na época.

Lívia nos conta, também, que estabeleceu com Jorge um relacionamento muito próximo devido ao gosto acentuado que ele apresentava pela música, chegando a presenteá-lo com instrumentos musicais e inúmeros CDs.

Jorge resolveu, assim, fazer o teste de habilidade específica para ingressar no curso de Licenciatura em Música da UFCG. Tem início, então, novos desafios enfrentados por ele e pelo corpo docente da UFCG. A seguir, descrevemos como se deu esta trajetória.

3 O PROCESSO PARA INGRESSAR NA UFCG: o Teste de Habilidade Específica

A UFCG exige que todos os candidatos ao curso de graduação em música, submetam-se à participação no Teste de Habilidade Específica (THE), além de realizar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). O teste consiste em uma prova escrita, ditado rítmico e melódico, solfejo à primeira vista e, também, uma prova prática para avaliar a execução musical do aluno no instrumento escolhido, com um repertório pré-definido no edital.

Anteriormente à realização do THE, na UFCG, a professora Lívia e a família do aluno Jorge estiveram presentes para dialogar com o coordenador do curso de Licenciatura em Música da UFCG, a fim de averiguar a possibilidade de recebê-lo,

seguindo o protocolo da universidade, porém, com as devidas adequações para atender o aluno com deficiência visual.

A Lei Brasileira de Inclusão de Pessoas com Deficiência (LBI, Lei 13.146/2015) enfatiza a necessidade de “[...] adoção de medidas individualizadas e coletivas em ambientes que maximizem o desenvolvimento acadêmico e social dos estudantes com deficiência, favorecendo o acesso, permanência, participação e aprendizagem em instituições de ensino” (BRASIL, 2015, p.7). Sendo assim, a UFCG criou em 2016, o Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI), para acompanhar e atender estudantes com deficiência, dando-lhes assistência conforme a legislação vigente. Sobre isso, lembra-nos Louro (2015, p.34) que “[...] todos os estabelecimentos públicos e privados precisam estar aptos a receber todos os tipos de pessoas, ou seja, a sociedade precisa oferecer suporte para que todos possam usufruir de todos os benefícios e campos sociais”. Recentemente, foram realizadas várias visitas da atual presidente do NAI, com o fim de apoiar a coordenação do curso e, especialmente, o aluno Jorge, em sua trajetória no âmbito da UFCG.

Vale lembrar que, neste processo, o Grupo de Apoio a Estudantes com Deficiência Visual (GRAESDV), vinculado à UFCG, promoveu cursos de Braille e de musicografia Braille, e diversas palestras no âmbito da UFCG, no intuito de promover a sensibilidade dos acadêmicos e da comunidade em geral, em torno da Educação Inclusiva para pessoas com cegueira e baixa visão.

Nessa época, também, foi promovido um curso de extensão pré-vestibular, no intuito de capacitar os alunos interessados em realizar o THE. Assim, o aluno Jorge teve a oportunidade de aprimorar e revisar seus conhecimentos musicais, preparando-se para o referido teste.

Seis meses antes do THE, a professora Livia intensificou a musicografia Braille a fim de Jorge fazer a prova escrita e o solfejo à primeira vista, com propriedade pois,

[...] a maior dificuldade quanto à aprendizagem musical encontra-se na leitura. Mas se o material musical for transcrito para o Braille, a aprendizagem musical torna-se viável, dado que, esse sistema de leitura beneficia a todos os que se encontram na mesma situação (LOURO, 2003, p.72).

No dia do teste foi indispensável a presença da professora para dar apoio na prova escrita, interpretando as questões para Jorge e o avaliador, quando necessário.

Para a prova prática foi preciso escolher um instrumento para habilitação, dentre todos os instrumentos que Jorge tocava. A escolha do piano como instrumento específico, deu-se devido a sua vivência musical com o teclado, pois, desde adolescente, ele era convidado a tocar teclado em diversas igrejas evangélicas de Campina Grande, sendo conhecido por muitos da comunidade por sua habilidade em tocar o instrumento.

Todo o processo de aprendizagem do teclado ocorreu de maneira autodidata, sendo assim, para realizar a prova prática com habilitação em piano, Jorge estudou as peças do repertório exigido, através da escuta e imitação. No momento dos ensaios a professora Lívia contribuiu para o estudo, orientando-o quanto ao aspecto da performance e execução musical de toda a estrutura melódica e harmônica das peças, averiguando nota a nota.

4 BRAILLE E MUSICOGRAFIA BRAILLE: Curso de Extensão

Após a aprovação do candidato no THE, no período de recesso da UFCG, foi promovido um curso de Braille e musicografia Braille, para docentes e discentes, bem como pessoas da comunidade interessadas, por meio do Grupo de Apoio a Estudantes com Deficiência Visual (GRAESDV), da UFCG.

Na ocasião, estiveram presentes dois cegos, um deles, o aluno Jorge que interagiu com os participantes, corrigindo os exercícios realizados em musicografia Braille e, o outro para auxiliar a leitura e interpretação da escrita em Braille. Ainda, no primeiro momento do curso, teve a participação de alunas e monitores da UFCG que, juntamente a duas professoras, ministraram o curso de Braille. Nesta oportunidade, foi realizado um panorama da história da escrita Braille e, numa atividade prática, os participantes experimentaram fazer seu nome com o uso da reglete.

Duas alunas da disciplina de Educação Musical Especial, do curso de Licenciatura em Música da UFCG, participaram do referido curso e, uma delas, interessou-se em participar da seleção para apoiador inclusivo. Tendo sido aprovada, vem realizando atividades de acompanhamento do aluno Jorge, em concordância com a Lei Brasileira de Inclusão de Pessoas com Deficiência (BRASIL, 2015).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de Educação Musical Inclusiva desenvolvido no ICCG, com o aluno cego, Jorge, promovido pela professora Lívia Pontes, foi imprescindível, pois tanto o aprendizado musical realizado por intermédio da oralidade - no caso, escuta e repetição - como o domínio da musicografia Braille, levou-o a ter sucesso no THE, possibilitando seu ingresso na UFCG.

O movimento instituído com a chegada do primeiro aluno cego, no curso de Licenciatura em Música da UFCG, promoveu a interação entre grupos de pesquisa e apoio a pessoas com deficiência visual e, também, entre professores, alunos e, especialmente, do aluno Jorge e sua família com a comunidade acadêmica.

Sabemos que há, ainda, muitos desafios a serem enfrentados referentes à inclusão de Jorge nas atividades acadêmicas, pois há escassez de metodologias musicais para pessoas com deficiência (LOURO, 2015). No entanto, o interesse dos alunos e da professora da disciplina de Educação Musical Especial em estudar o caso de Jorge, abriu caminhos para reflexão em torno da Educação Musical Inclusiva no âmbito da UFCG.

Esperamos que esta pesquisa possa ampliar a discussão na área e instigar novos diálogos com pesquisadores e pessoas interessadas em Educação Musical Inclusiva, notadamente, àquelas que se interessam pelo ensino de música para pessoas com deficiência visual ou baixa visão.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República. LEI nº 13.146, 6 de Julho de 2015. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. Brasília, DF, jul. 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm>. Acesso em: 18 nov. 2018

25

LOURO, Viviane S. **As adaptações a favor da inclusão do portador de deficiência física na educação musical: um estudo de caso**. Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Música. Educação Musical na Universidade Estadual Paulista. UNESP. São Paulo, 2003.

LOURO, Viviane. **Fundamentos da Aprendizagem Musical da Pessoa com Deficiência**. 1ª Edição. São Paulo: Editora Som, 2012. 296 p.

_____. Educação Musical Inclusiva: Desafios e Reflexões. IN: SILVA, Helena Lopes da; ZILLE, José Antônio Baeta; **Música e Educação: Série Diálogos com o Som**. v. 2. Barbacena: EdUEMG, 2015. p. 33-49.

PENNA, Maura. **Construindo meu primeiro projeto de pesquisa em Educação e Música**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PONTES, Livia. **Livia Pontes**: depoimento [nov. 2018]. Entrevistadores: A. D. S. Souza, M.N. Rodrigues, P. B. S. Albuquerque. Campina Grande: ICCG, 2018. Entrevista concedida a duas alunas e professora da disciplina Educação Musical Especial da UFCG.

SCHAMBECK, Regina Finck. Inclusão de alunos com deficiência na sala de aula: tendências de pesquisa e impactos na formação do professor de música. **Revista da ABEM**, Londrina, v. 24, n.36, 23-35, jan./jun. 2016.

SOUTO, Danielle Alves. **Instituto dos Cegos de Campina Grande**. 2008. Disponível em: <<http://institutodoscegoscg.blogspot.com/2008/09/um-pouco-da-historia-do-instituto.html>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

TOMÉ, Dolores. **Introdução à Musicografia Braille**. São Paulo: Global, 2003.